

ALINHAVOS PARA UMA COSTURA: “BOITEMPO”

Raquel Souza

RESUMO: *The autobiographical poetry of Carlos Drummond de Andrade, the three volumes os Boitempo, Boitempo II (the old boy) and Boitempo III (forget to remember), point to the moderns autobiographic person constitution as a dialectical tension between the contraries. Following the oximoro the poet builds his possibles identities to arrive at the self knowledge.*

PALAVRAS-CHAVE: *poesia brasileira, gênero autobiográfico, identidade e alteridade.*

Este ensaio se constrói a partir de uma premissa, qual seja, uma leitura que legitimou a série *Boitempo*, isto é, os três volumes *Boitempo* (1968), *Boitempo II (menino antigo)* e *Boitempo III (esquecer para lembrar)*(1973), do poeta Carlos Drummond de Andrade, em seu extrato autobiográfico.

O percurso que deu conta desta legitimação foi construído em referência à subversão de algumas noções relativas à categorias do gênero autobiográfico. Refiro-me à estruturas discursivas, como o narrador autodiegético, que passa, em Drummond, a desempenhar as funções do eu-lírico em meio à idiosincrasias peculiares ao lírico. Igualmente, à visão retrospectiva que nas autobiografias, geralmente, é demarcada pelo uso de verbos declinados no pretérito, mas que no texto drummondiano em questão não se submete a uma estrita obediência ao tempo verbal do pretérito. Não se pode, enfim, olvidar o tempo diegético, que, via de regra, é determinado explicitamente por datas ou por indicativos destas, normalmente mais precisos do que aqueles que comparecem ao texto drummondiano. Enfim, além destes elementos, a legitimação para o gênero autobiográfico passou pela observância da existência de um pacto de leitura, o qual respaldou esta perspectiva sobre a obra *Boitempo*.

Quanto a esta questão, isto é, o pacto autobiográfico, *Boitempo* amplia o seu questionamento. O contrato autor e leitor situa-se em um espaço intervalar entre o lírico e o narrativo. Portanto, a obra de Drummond rompe sistematicamente com os

“dogmas” do gênero autobiográfico, incluindo, naturalmente, as “cláusulas” deste contrato com o leitor.

O fato de a *autobiografia* do poeta mineiro se construir por um fio condutor narrativo e se concretizar por meio de vários poemas, distribuídos em capítulos e volumes específicos, por si só, indica um inusitado processo de escrita autobiográfica. O pacto autobiográfico processa-se pela mediação dos poemas preambulares dos três volumes, pelo paratexto, e por alguns elementos presentes na malha textual que consubstanciam a obra em *autobiografia*.

O discurso autobiográfico, devido a suas intrínsecas ligações com a realidade estrito senso, necessita de um aparato legitimador que fortaleça o sentido de verdade, que recrudescer no leitor a sensação de “de fato aconteceu assim como diz o autor”. O recurso ao Tempo, à Memória e à História, mais estreitamente vinculadas à filosofia do que propriamente aos estudos de teoria literária, auxiliaram no processo de legitimação da experiência vivida. Isso se dá na medida em que elas contextualizam e localizam o universo diegético do autobiógrafo em um espaço, em um tempo, em uma memória.

Sob essa perspectiva, *Boitempo* é exemplificativa desta recorrência ao Tempo, à História e à Memória. Seus poemas, inclusos, naturalmente, os textos preambulares e as declarações do paratexto relacionadas às intenções do poeta ao realizar esta obra, respondem a esta questão. Estão presentes, e vivenciados pelo sujeito lírico, por intermédio do uso da memória, o pulo no tempo pretérito, tempo este que já se formatou em história individual¹.

Por outro lado, gostaria de ressaltar que o nome da obra autobiográfica de Drummond já foi motivo de interessantes questões. Gilberto Mendonça Teles, nas notas de *Seleto em verso e prosa de Drummond*, refere-se ao título da autobiografia do poeta mineiro como uma junção de palavras encerrando um significado pré-determinado:

“A palavra é formada por justaposição de *boi e tempo* a sugerir, talvez, que o tempo na roça é lento como um movimento de um boi ou, como quer Rubem Braga, “algo que exprime a lentidão da passagem do tempo, ou a tardia ruminação das lembranças”. É através da imagem de um boi que o poeta filtra as suas reminiscências.” (ANDRADE & TELES, 1971, p. 144-145).

Ao procedimento digestivo do boi, que torna sempre a mastigar o pasto já ingerido, acrescenta-se o vocábulo *tempo* como se estivesse a identificar o alimento que será “ruminado” por Drummond, ou seja, o tempo. Esta é também, com algumas pequenas variações em sua formulação, a idéia de Diana Bernardes², da qual, aliás, não discordo.

Entendo, entretanto, que o nome *Boitempo*, acrescido de subtítulos para o se-

¹ A proposta de ler a série *Boitempo* no extrato autobiográfico implica algumas questões de gênero. A análise destes elementos aparece aqui de forma extremamente reduzida e esquemática. Este assunto foi desenvolvido em SOUZA, 1997.

² Cf. BERNARDES, 1969.

gundo e terceiro volumes da série, também encontra ressonância em outros aspectos que podemos vincular com a obra geral do poeta mineiro. Dessa forma, aumentando a acepção apontada por Gilberto Mendonça Teles e por Diana Bernardes, posso dizer que o título da *autobiografia* de Drummond mantém uma estreita ligação com o famoso e sempre citado *Poema das sete faces*, em especial com sua primeira estrofe tão definidora da personalidade drummondiana.

O ser *gauche*, o estranhamento que já no início de sua carreira literária era apontado de maneira forte e incisiva, continua em sua auto-imagem como força de lei e comportamento trinta e oito anos mais tarde. A escolha do substantivo *boi*, além da referência ao mundo rural do qual o vocábulo é originário, à mansidão dos atos, à ruminação do alimento, revela também um sentido de ser vilipendiado, de homem incompleto, e, portanto, *gauche*.

O boi, antes mesmo de ser o animal cujo fim é o trabalho de carga ou o servir de alimentação, é o touro castrado. Impossibilitado de dar continuidade ao processo vivificador da existência, este animal torna-se facilmente domesticado, não oferecendo, em princípio, nenhum, ou quase nenhum, risco à proximidade humana.

Esta questão torna-se instigante, na medida em que a expressão *boitempo* também serve de título a um poema do primeiro volume. O sujeito lírico do referido poema vincula a passagem, ou melhor dizendo, as marcações da passagem do tempo ao ritmo próprio do animal dominante nas terras de seu pai, isto é, o boi. Eis o poema:

“Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem dos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.” (*Boitempo I*, p. 59)

Os dois versos iniciais, desde o princípio, já colocam a marca diferenciadora entre o mundo rural e alguma outra instância que o poema não chega a mencionar explicitamente: *Entardece na roça / de modo diferente*. (Versos 1 e 2). Interessante reparar que a observação impetrada pelo sujeito lírico parte de uma marca temporal geralmente associada ao fim do dia: o entardecer.

Dessa feita, o poema inicia pelo fim e perfaz um círculo que se fecha no amanhecer para que tudo recomece. Isto é, diferentemente do usual, Drummond inverte os pólos sobre os quais gira o tempo. A reiteração desta perspectiva está nos versos finais, quando surge o dia: *Amanhece na roça / de modo diferente* (versos 20 e 21).

Mas a relação que o poema guarda com o boi não se restringe apenas às marcas da passagem do tempo. O animal é, também, uma espécie de paradigma para que o sujeito lírico perceba o mundo da roça de forma natural. Neste sentido, o poema estabelece uma estreitíssima equivalência entre o animal e os habitantes da fazenda. Submetido a esse *modus vivendi* comandado inconscientemente pelo gado, já que o sujeito lírico declara *O gado é que anoitece* (verso 06), o dia torna-se *pasto azul*, transformando-se, assim, em objeto de conquista ou de alimento.

Como se vê, as implicações do título da *autobiografia* de Drummond são muitas. Um de seus elementos definidores é, conforme pista deixada pelo próprio Drummond, encontrável no poema *Boitempo*. É preciso considerar, igualmente, que todos esses elementos se juntam para fornecer um sentido mais abrangente para o termo, quando relacionado ao título da obra autobiográfica propriamente dita.

Uma outra perspectiva a respeito do título, e que não deve ser desconsiderada, é aquela que relaciona o tempo diegético do texto autobiográfico com a expressão particularizada no seu elemento substantivador, isto é, o boi. De óbvias ligações rurais, o universo diegético que a *autobiografia* drummondiana resgata é aquele que limita a vida do poeta entre a sua formação enquanto indivíduo e a sua “inauguração” no mundo profissional e urbano.

Entretanto, a par destas considerações, ainda é preciso retomar a significação do título da obra nos dois subtítulos explicativos. *Boitempo II* é chamado de *Menino antigo*, e *Boitempo III* de *Esquecer para lembrar*. Estas duas construções são, seguramente, oximoros bem ao gosto do poeta, ou seja, construção de uma expressão significativa através de vocábulos, cujos sentidos formam uma oposição semântica de seus termos.

Já em 1951, o poeta publicava o livro *Claro enigma*, cujo título encerra um paradoxo bastante ressaltado pelo crítica. Este oximoro constrói-se, na verdade, pela violência na colocação, lado a lado, de termos inteiramente contraditórios. Ou seja, *claro* é a qualidade daquilo que não guarda mistério, segredo. Mas Drummond manipula estes dois vocábulos de tal forma que a qualificação de translucidez é forjada para o elemento que, a rigor, não o é. O resultado desta construção oximórica é dado pela sensação violenta do inusitado que a expressão encerra.

Mas há, também, títulos que não chegam a levar ao extremo o processo

oximórico, ou pelo menos ele existe de forma atenuada. Assim, podemos listar *As impurezas do branco* (1973), cujo sintagma encerra um processo de antítese calcado em duas palavras, uma das quais pertencente aos símbolos universais. Isso não chega a ser uma contradição interna, como no caso anterior, mas encerra uma construção oximórica por oposição de termos contrários³. Ao branco que, universalmente, é a cor da pureza, da imaculação, Drummond apõe o adjetivo impuro que contraria a característica fundamental da cor-símbolo.

Com esse sentido, também podemos enfeixar na mesma proposta drummondiana o livro *A paixão medida*, cujos termos se antagonizam, posto que o substantivo nuclear do sintagma indica, pela sua própria origem grega, um desatino, uma falta de imposição de limites. Drummond, com este título, propõe sua medição, seu controle.

Portanto, nada mais lícito do que ver nos subtítulos de *Boitempo* construções oximóricas bem ao gosto do poeta. *Menino antigo* encerra uma contradição que pode, e deve, ser resolvida através do alcance compreensivo do leitor. O mesmo se dá com *Esquecer para lembrar*, porém com o alargamento da construção sintática do oxímoro propriamente dito.

O primeiro caso, isto é, o oxímoro nomeador de *Boitempo II*, elabora-se a partir de um sistema sintagmático constituído pelo acoplamento de um adjetivo a um substantivo. Este processo oximórico encerra uma significação bastante profunda e, ao mesmo tempo, propõe uma circularidade para o seu desvelamento. O “menino” reproduzido pelo texto e no texto, ou seja, muitas vezes o eu-lírico e outras tantas a personagem principal do poema, é alguém que já viveu, cujo viver ficou localizado no passado, mas não propriamente fossilizado no pretérito, porquanto este passado não é apresentado de forma estatizada. Daí o sentido de antigo como tempo decorrido e não propriamente como velho, decrépito, sem uso, sem sentido.

Por outro lado, as peças poéticas de *Boitempo* são efetivadas a partir de um ato enunciativo cujo objetivo norteador é, justamente, a tentativa de reproduzir a cosmovisão do menino que já viveu e não do homem adulto que faz a experiência de retorno ao passado. Neste sentido, estão presentes nos textos, de forma a direcionar esta referência ao antigo, as percepções, os sentimentos, a imaginação, a capacidade de observação, etc. adequados a uma visão de mundo tipicamente infantil, reproduzindo, assim, valores e procedimentos de uma criança que viveu nas primeiras décadas deste século.

Já para o terceiro e último volume de sua *autobiografia*, Drummond elege uma construção sobre a qual pesa um sentido de frase lapidar. Este subtítulo encerra, na verdade, a premissa básica para a escrita autobiográfica.

O uso do verbo no infinitivo, *esquecer*, soa como uma ordem a ser cumprida, ou como uma prévia condição essencial para a efetivação daquilo que o complemento revela: *para lembrar*. A intenção observada pelo desdobramento sintático da forma reduzida de infinitivo demonstra uma relação de proposta e consequência esperada:

³ Cf. D'ONOFRIO, 1995.

“você deve esquecer os acontecimentos do passado para que possa lembrá-los”. Ou seja, só é possível exercer a faculdade do ato rememorativo sobre os conteúdos do passado que já foram relegados ao campo do não-consciente da mente humana. De outro modo, não haveria o porquê do exercício da memória, posto que só se resgata aquilo que está perdido.

Assim, posso afirmar que o gosto pelo oxímoro em *Boitempo* não lhe é estranho nem inusitado. O poeta mineiro, no início de sua carreira literária, já observava a construção de processos oximóricos na realização de sua poesia. Este procedimento lhe confere uma postura de antecipador e prenunciador de uma das muitas características típicas da chamada pós-modernidade, isto é, o resgate de alguns elementos do passado, como por exemplo do mundo barroco em suas antíteses e paradoxos violentos, que se encaixam perfeitamente bem ao gosto do mundo contemporâneo.

A transposição de fronteiras tão freqüente na atualidade, que para o caso específico dos oxímoros está diretamente relacionada à significação geral dos termos que os compõem, implica romper deliberadamente os limites interiores e exteriores, que, de uma forma ou de outra, imobilizam o homem. A forma autobiográfica, por si só, exemplifica também este tipo de comportamento de rupturas para com as bases literárias já instituídas e perfeitamente assimiladas. O limite praticamente irreconhecível entre o ficcional e a realidade concreta é que fornece o caráter de hibridação de gênero perfeitamente detectado nas formas autobiográficas.

É justamente sob a significação deste sentido que gostaria de creditar à Drummond um lugar que lhe valide a extrema capacidade de compreender e de atuar de forma vanguardística em seu tempo.

Atualmente, um dos caminhos mais fecundos para os estudos literários é, sem dúvida, aquele que privilegia os aspectos sincréticos e híbridos das produções literárias. Esta perspectiva que busca um amálgama do diferente, do estranho, do outro encontra-se no sentido deliberadamente paradoxal da construção dos oxímoros. Em outras palavras, rompendo as barreiras arbitrárias da significação primeira dos vocábulos, o resultado é, basicamente, a proposta de uma nova lógica, de um novo nível semântico para as palavras agrupadas em torno de um sentido aparentemente incompatível.

Esta idéia, parece-me, governa a *autobiografia* de Drummond a partir mesmo dos seus subtítulos e que, pode-se dizer também, já era entrevista nas construções oximóricas que fornecem alguns de seus outros títulos, como já se viu. É, por certo, pela existência incontestável deste processo de hibridação, admiravelmente intrínseco a *Boitempo* e que se estende a diversos aspectos da obra, que a entendo como uma *autobiografia* diferenciada, inusitada.

Tal estranheza, tal diferença percebe-se a partir da escolha da forma lírica por excelência, através da qual o poeta faz a corporificação dos conteúdos autobiográficos. A ruptura das fronteiras é, sob meu entender, procedimento compulsivo no poeta de Itabira. Vale lembrar, quanto a este particular, que seu amigo e poeta Manuel Bandeira, que igualmente escreveu sob o forte impulso memorialístico, realizou também

uma *autobiografia*, intitulada *Itinerário de Passárgada*. No entanto, Bandeira realizou-a pelo meio formal mais corriqueiro e, de certa forma, tradicional. Murilo Mendes, outro amigo poeta e companheiro de geração, também se entregou à escrita de sua vida e, como Bandeira, elegeu a prosa como instrumento formal para *A idade do serrote*. Tal se deu, provavelmente, pela normalidade e, pode-se dizer, pela tradição em escrever autobiografias em prosa.

Mas Drummond, ao contrário destes dois amigos, decide burlar o usual para a autobiografia e rompe as fronteiras que a tradição impõe. Sob este ponto de vista, pode-se dizer que, desarticulando os limites da escrita autobiográfica, isto é, invadindo a forma lírica, mas permanecendo no âmbito do narrativo, o vate das sete faces abre caminho para que seja lícito uma nova concepção formal para as escritas autobiográficas.

De igual maneira, os pontos limítrofes quanto à realidade propriamente dita e com relação à imaginação ficcionalizante, *Boitempo* também realiza este processo de implosão de velhas regras e, deliberadamente, propõe-se como um texto simulacro cuja referência, ou pode-se dizer cujo “texto-prisão”, é a vida pretérita de Drummond, a qual, por ser exatamente pretérita, não pode mais ser alcançada se for excluído o elemento da construção ficcional.

Como se vê, a marca drummondiana do anjo *gauche*, o constante renovar das letras brasileiras se faz presente até mesmo em uma produção aparentemente ingênua, como usualmente são referidas as escritas autobiográficas.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de & TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond: seleta em prosa e verso*. Rio de Janeiro, Record, 1971.
- BERNARDES, Diana. *(Boi)tempo de Drummond*. In: *Cadernos brasileiros*. Rio de Janeiro, maio-jun., 1969.
- SOUZA, Raquel Rolando. *Boitempo – a poesia autobiográfica de Drummond*. Porto Alegre, UFRGS, 1997.